

Nome: Vilson José Bento

Início na UEL: set/1977 (aos 13 anos)

Esposa: Marlene Gomes Orlando Beto

Filhos: Tamyres Christina Degan Bento (profª. de Ed. Física)

Lucas Josué Degan Bento (2º. ano de arquitetura Unifil) ;

Vilson chegou na UEL com apenas 13 anos. Ele conta que morava num patrimônio chamado Quinzópolis, município de Santa Mariana, quando o ex-prefeito de Londrina, Antônio Fernandes Sobrinho, passou pela sua cidade. Antônio era conhecido da família e, após ver um quadro de tinta óleo pintado por Vilson, o chamou para ir à Londrina”.

O ex-prefeito era presidente da Sociedade Rural do Paraná e o Reitor da UEL era, na época, Oscar Alves. O menino Vilson foi convidado pra participar de uma reunião no Country Club de Londrina e presenteou o reitor com um de seus quadros. Esta foi a porta de entrada para ser contínuo, um tipo de office-boy, numa época que ainda não existiam os malotes na UEL. “Eu entregava pautas, lista de chamada, correspondência, colocava as faltas em editais, saía para o centro pra comprar o jornal para o Ceca, na banca do Leitão lá na Higienópolis e andava a UEL toda a pé”, conta.

Segundo Vilson, enquanto aguardava uma oportunidade de ir para a área de arte, fez uma disciplina especial do oitavo período de educação artística. “O pessoal achava que eu me destacava nessa parte de arte, fui até entrevistado pela Folha de Londrina na época”, relembra.

Vilson ficou 7 anos no CECA, depois prestou um concurso (1984) para desenhista especializado e foi para o NTE, convidado pela professora Estela Fuzzi. Suas atividades eram, e ainda são, fazer cartaz, logomarca, ilustrações, e muitas outras coisas. “Antes não tínhamos os equipamentos que temos hoje. Eu fazia material em transparências, material de concurso para docente, e era tudo a mão, porque antes não tinha nem computador”, conta.

Em 1990 foi reativado como desenhista técnico artístico, depois mudaram o nome da função, chamada hoje de técnico em projeto visual e editoração. Vilson graduou-se recentemente em Gestão Pública e depois iniciou uma especialização, mas parou devido à doença da esposa.

Trabalhando manualmente, Vilson desenvolveu a técnica de calígrafo, e também se dedica a preencher certificados e convites de casamento. Além de muitas outras atividades: “Dei aula na Unopar no curso de desenho industrial (de forma particular) pra quem precisava de reforço, dei cursos de recursos audiovisuais para o NTE e para o CEMAD – Curso de Especialização de Metodologia de Ensino Superior, ministrei muitas palestras para professores e funcionários sobre recursos audiovisuais”.

Após quase 4 décadas de UEL, Vilson guarda muitas lembranças: “Não tinham árvores na beira do calçadão, eu vi plantar várias e também plantei um pé de ameixa próximo à janela que fico agora”. Já quanto aos materiais, equipamentos e tecnologia, ele relata que eram usados muito pincel atômico e muitos papeis, o quais enchiam os armários. “Tínhamos que desenvolver mecanismos para facilitar a aula didática. Hoje se acaba energia acaba a aula. Antes havia outros recursos e a aula não parava. Era ensinado inclusive como trabalhar com o quadro de giz. Foi um choque quando chegou os computadores. Todo mundo queria mexer, mas eram poucos equipamentos e poucas pessoas sabiam usar. Quando chegou a internet foi uma evolução e um sufoco, porque travava muito. Fizemos cursos e cursos pra aprender a trabalhar no computador na área de arte. Mas facilitou muito, transparência que antes eram duas a três horas eu passei a fazer em 15 minutos. Mesmo assim, ainda faço a criação no papel e passo no computador”, recorda.